



CURRÍCULO, CIBERCULTURA E POVOS INDÍGENAS

O presente dossiê enuncia experiências diversas e múltiplas performatividades de pesquisadores(as) junto à educação escolar realizada com os povos indígenas. **“Currículo, cibercultura e povos indígenas”** evoca vivências e envolvimento distintos com a educação escolar e curricularizações agenciadas pelos povos indígenas.

A escola moderna se articulou historicamente, em relação aos povos indígenas, como dispositivo de docilização de corpos, colonização, tutela, assimilação e/ou integração ao todo nacional. O paradigma de escola hegemônico se desdobrou desde o início da Colonização em inúmeras formas de violência: física, psicológica, simbólica, étnica e ontológica. As produções curriculares que emanavam desde modelo de escola eram marcadas pela reprodução do modo de ser colonial e seus saberes. As experiências educacionais do projeto curricular Jesuíta, no eixo da catequese e dos manuais curriculares da *Ratio Studiorum* (1599), os processos educativos dos Diretórios dos Índios no período Pombalino, a educação para a civilidade nacional na Primeira República até (pelo menos) os currículos produzidos no horizonte do Estatuto do Índio apontam à tentativas de suturas políticas demasiadamente etnocêntricas. O que ensinar para indígenas na escola moderna senão o modo de ser-saber-viver ocidentais? O que o currículo hegemônico poderia oferecer aos indígenas senão o tornar-te *branco*? O “currículo para todos” indígenas significava o assédio à colonialidade e seus enquadramentos.

Entretanto, se por um lado temos um movimento por parte do Estado e das oligarquias nacionais em preencher os contextos indígenas com textos curriculares etnocêntricos, percebemos agenciamentos dos povos indígenas numa perspectiva de “amansar” a escola e ancestralizar os currículos. Movimentos de interpretação e tradução deslocam e constroem contrahegemonias e outras normativas curriculares, numa aproximação com seus territórios etnoeducacionais, suas cosmologias e línguas. Não obstante aos esquemas prescritivos do Estado e seus desdobramentos hodiernos, as lutas



de distintos coletivos indígenas enunciam, nestes deslocamentos, uma *escola outra* com *curricularizações outras*.

A experiência do curricular indígena não se deixa emoldurar por normativas, diretrizes, parâmetros ou bases prescritivas dadas de antemão e tecidas colonialmente. Os deslocamentos, as traduções e as *transsignificações* indígenas enunciam e afirmam a *diferença* na educação e na produção curricular indígenas. A educação escolar e o currículo agenciados por distintos coletivos indígenas traduzem a luta e as cosmovisões indígenas, enunciando *mundos outros* com suas ontologias, gnosiologias, cidadanias – *florestanias* –, *paidéias* e *ethos*.

O “amassamento” da escola, sua repotencialização em escola outra, a ancestralização do currículo, a construção de contrahegemonias educacionais, a tradução de mundos e cidadanias outras, etnoterritorialização dos ciberespaços, os saberes-fazeres como cibercultura articulada por indígenas, os enfrentamentos e as múltiplas resistências indígenas na educação escolar, o envolvimento e *afetação* de pesquisadores(as) com os povos indígenas são performatizados nos textos deste Dossiê os quais convidamos à leitura.

O texto de Sonaira de Araújo Moura, Luiz Eduardo Guedes e Bento Duarte da Silva, intitulado “**Análise do Website do Povo Ashaninka do Rio Amônia: tecendo saberes no ciberespaço para a interculturalidade**”, em interlocução com o povo Ashaninka do Rio Amônia, busca compreender o cenário e o movimento de integração das tecnologias de informação e comunicação (TIC’s) no modo de vida e na educação dos povos indígenas. Nesta perspectiva, a pesquisa coloca sob análise o website do povo Ashaninka como um etno-espaço que possibilita a tessitura de saberes no ciberespaço em vista da interculturalidade assumida. Os desdobramentos apontam que a comunidade indígena vem introduzindo as TIC’s como uma janela para o mundo intercultural, possibilitando construir saberes entre não indígenas e o povo Ashaninka, visando romper com estereótipos e preconceitos que estigmatizam as populações indígenas, a partir da divulgação da sua cultura, espiritualidade, artes e tradições.

Em “**A Cultura Digital na Educação de Jovens e Adultos em uma Escola Pública Municipal de Altamira – Pará – Região da Transamazônica e Xingu**”, de Judith Anteles Moreira, a autora reflete sobre as vivências nas atividades curriculares de



Estágio Supervisionado na Educação de Jovens e Adultos em uma escola pública do Sistema Municipal de Ensino de Altamira, Pará. O estudo é uma pesquisa qualitativa exploratória na modalidade da observação participante. Durante o estágio, concluiu-se que esse momento a pandemia da Covid-19 agravou a situação de evasão escolar e aumentou a carga horária de trabalho dos(as) professores(as), além de alastrar a exclusão digital dos(as) alunos(as) pela falta de formação e letramento digital dos(as) professores(as) para o desenvolvimento das habilidades específicas para ensinar os(as) alunos(as) através das Tecnologias da Informação e Comunicação.

Gilson Cruz Junior e Afonso Dos Santos Lima no texto **“Entre a Ancestralidade e a Cibercultura: um estudo de revisão sobre tecnologias digitais e povos indígenas”**, buscam compreender as relações existentes entre povos indígenas e as tecnologias digitais no âmbito da produção científica brasileira. Trata-se de uma investigação vinculada ao campo de conhecimento das tecnologias educacionais, caracterizando-se como uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório, do tipo revisão sistemática de literatura, que reuniu e analisou o total de 11 trabalhos sobre a temática. Como resultado, aponta que a popularização crescente de tecnologias digitais nos territórios indígenas tem oportunizado novas formas de participação e expressão aos povos tradicionais no ciberespaço. Por outro lado, essa interação também tem gerado debates acerca do suposto enfraquecimento de tradições ancestrais em decorrência da crescente imersão de diferentes etnias na cultura digital.

No texto **“Fazeres Ciberculturais Pataxó no/do Colégio Estadual Indígena Kijetxawê Zabelê”**, Aelsio Pereira de Almeida e Paulo de Tássio Borges da Silva buscam identificar e analisar práticas ciberculturais do/no Colégio Estadual Indígena Kijetxawê Zabelê. A pesquisa utiliza a conversa como metodologia de pesquisa, juntamente com a netnografia e *etnoprinfografia*. Tendo como campo empírico o Colégio Estadual Indígena Kijetxawê Zabelê, participando de conferências e encontros virtuais para a observação e diálogo com os (as) docentes e discentes indígenas, bem como *etnoprinfografias* em canais do *Youtube*, *sites* e páginas de redes sociais, registrando as práticas ciberculturais realizadas pelo Colégio e seus/suas membros (as). Os autores mapeiam os agenciamentos e fazeres ciberculturais do Povo Pataxó.



O texto **“Da Universidade ao Som das Flautas Tuyuka: dialogando com o conhecimento ancestral e a Educação Indígena, a partir de uma experiência na Comunidade Nossa Senhora do Livramento, Rio Negro, Amazonas”**, Jhonatan Gomes da Silva, Jussara Garcez Barreto, Silvanira Gomes de Matos, Célia Aparecida Bettiol e Mauro Gomes da Costa, partilham uma atividade de campo realizada no espaço de vivência dos Tuyuka, que residem na Comunidade Nossa Senhora do Livramento, localizada à margem esquerda do Baixo Rio Negro, Igarapé do Tarumã Mirim, Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Tupé (RDS-Tupé), no Município de Manaus/AM. A experiência de observação participante, proporcionada pela visita de campo, possui no viés da extensão o diálogo entre a teoria e a prática, envolvendo as aulas da disciplina Sociedades Indígenas e Educação, nas quais se discute temas como: as identidades culturais específicas da Amazônia e os conhecimentos da ancestralidade indígena que refletem na educação, modo de vida e arte musical dos povos originários. Os(as) autores(as) pontuam que conhecer *in loco* os saberes ancestrais e educacionais Tuyuka compõe a base fundamental para o entendimento e a compreensão dos saberes ancestrais que utilizam suas pedagogias específicas e diferenciadas na sua formação e educação, as quais se faz necessário tecer diálogos.

Ribamar Ribeiro Junior, no texto **“Uma Análise do PPC do Magistério Indígena para os Awaete-Parakanã”**, analisa o Projeto Político Pedagógico do Curso de Magistério Indígena, que está sendo ofertado pelo Instituto Federal do Pará, Campus Rural de Marabá (IFPA/CRMB) aos *Awaeté-Parakanã*, na Terra Indígena *Parakanã*, que habitam numa área de 351.697,41 ha, localizada nos municípios de Novo Repartimento e Itupiranga, PA. A pesquisa aborda aspectos que visam compreender algumas falas dos *Awaeté* desde o início do curso, insatisfeitos com metodologias e pela forma como se organizou a turma. O trabalho sistematiza as discussões feitas em vários momentos de reuniões de avaliação do curso e de inserção no componente curricular Educação Escolar Indígena e Pesquisa, uma das primeiras disciplinas a serem ministradas e que trouxe a visibilidade dessas questões. Para tanto, utilizou a pesquisa etnográfica e documental, com um olhar contextualizado dos espaços de avaliação e planejamento do curso. Ao apresentar análise do PPC, o autor faz uma articulação com os elementos propostos, as contradições e apontamentos que estão centralizados nos documentos.



Em **“Reflorestando Imaginários: experiências educacionais promovidas por uma curadoria indígena”**, William de Goes Ribeiro expõe elementos articulados por uma curadoria indígena, na qual se demanda a ciberultura. O autor analisa a relação educação, política e subjetivação, com foco na diferença. Em uma perspectiva pós-estrutural, a linguagem é central, não para representar a realidade, mas como produção social. Assim, o texto valoriza a hibridização como negociação ambivalente na qual “a cultura” é prática de enunciação. A partir dos rastros, aponta uma proposição inovadora de prática indígena, na qual a ciberultura é espaço-tempo de articulação de política de imagem, corpos e línguas. As experiências mobilizadas pela Nhande Marandu desconstroem imaginários, contribuindo para estudos curriculares, culturais e ciber culturais.

No texto **“Do Capim Dourado ao Geogebra: a geometria presente nos artesanatos Akwê-Xerente”**, Wesley Coelho de Sousa e Elisângela Aparecida Pereira de Melo refletem sobre as práticas educacionais para o ensino de Geometria Euclidiana Plana por meio das relações entre a Etnomatemática, as Tecnologias Digitais e os aspectos geométricos identificados em uma cestaria produzida pelas artesãs Akwê-Xerente. Para tanto, adotam como caminho metodológico a abordagem qualitativa da pesquisa etnográfica, sendo um desdobramento de uma investigação mais ampla que está sendo desenvolvida no curso de mestrado acadêmico do Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Matemática (PPGecim), da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). Como resultado, constatou-se a possibilidade de explorar as Tecnologias Digitais para potencializar o ensino e a aprendizagem da Matemática no contexto indígena por meio do uso do *software GeoGebra*.

Em **“A Cultura Digital e Escolarização Indígena: a experiência Tupinambá no Acuípe de Baixo”**, Ana Cláudia Vieira Braga e Gilberto Lacerda Santos apresentam o diagnóstico situacional produzido por meio de uma pesquisa exploratória, realizada no Colégio Estadual Indígena Tupinambá do Acuípe de Baixo, localizado no distrito de Olivença na região municipal de Ilhéus no Estado da Bahia, para investigar aspectos sociais, pedagógicos, administrativos e documentais, institucionais que colaborem para o aprofundamento teórico da relação entre cultura digital e cultura indígena. A metodologia utilizada foi a análise situacional da pesquisa exploratória e a pesquisa bibliográfica para



o levantamento do referencial teórico. Os resultados foram obtidos por meio de entrevistas semiestruturadas com os agentes educacionais que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; análise do projeto pedagógico da escola indígena; diagnose social da escola e a elaboração de um estado da arte sobre inclusão digital indígena e práticas da educação mediada por Tecnologias Digitais de Informação, Comunicação e Expressão (TICE). A partir dos dados foi possível realizar uma diagnose social do Colégio Indígena Tupinambá do Acuípe de Baixo e investigar aspectos sociais, pedagógicos, administrativos, documentais e institucionais que colaborassem para uma exploração de informações iniciais a respeito da inclusão digital em um colégio indígena Tupinambá.

Ronnielle Azevedo-Lopes, com o texto **“A Educação Escolar e Agenciamentos Indígenas no Vale do Tocantins-Araguaia”**, analisa a escola reivindicada pelos povos indígenas no Vale do Tocantins-Araguaia enquanto agenciamento e transsignificação. Quando os *Gavião* (*Akrätikatêjê*, *Parkatêjê* e *Kyikatêjê*), os *Awaeté* (*Parakanã*), os *Suruí-Aikewára*, os *Guarani* de Nova Jacundá-PA, os *Kayapó* e os *Xikrim*, entre outros coletivos indígenas, no Vale do Tocantins-Araguaia, na Amazônia Oriental, sobretudo no Sudeste Paraense, demandam educação escolar enunciam uma escola outra, descolonizada e expressão da *diferença*. A metodologia é potencializada por pesquisas de corte pós-qualitativo que em sua performatividade intercambia observação participante, pesquisa de campo, etnografias, entrevistas, rodas de conversas, autobiografia, estudo de caso, pesquisa bibliográfica, relatos de experiências e cartografias sociais.

No texto **“O ‘Ensino’ de Literatura (Legente e Grupo) contra o Genocídio do Indígena Brasileiro”**, Kleber Bezerra Rocha pontua que o apagamento da cultura e o genocídio dos povos indígenas brasileiros são motivos para um necessário resgate e valorização desses nas mídias e principalmente na educação. Nesse sentido, o autor pontua a necessidade de reposicionar personagens como Peri e Iracema por conta do que foi velado pela colonização. E divulgar autoras como Sony Ferseck, que traz uma poesia feminina ligada a uma verdade cingida na natureza; e Maria Muniz Andrade, que numa narrativa confessional se mostra e a seu povo, isso para o “ensino” de literatura contra o genocídio indígena.



Adria Simone Duarte Duarte de Souza no texto **“Movimentos (Auto) Biográficos (Com) textos Narrativos”**, apresenta as abordagens narrativas em educação e discute os processos que sustentam o ato de narrar a si mesmo, articulando constantemente esse ato à produção de efeitos de identidades/identificações. Reflete ainda sobre os diferentes níveis que constroem as dimensões da subjetividade, apresentando a aposta do sujeito (auto)biográfico. A partir dessas abordagens, analisa o livro “Canumã: a travessia” de Ytanajé Coelho Cardoso por meio da noção de acontecimento proposta por Barros (2016) e sujeito autobiográfico Passeggi (2020), pontuando que na medida em que o narrador relata suas memórias no tempo da narração, rememora o passado adormecido e materializa as lembranças desse passado no texto.

Além dos artigos apresentados acima, o dossiê ainda conta com um relato de experiência e três resenhas.

O relato de experiência de Eglê Betânia Wanzeler, Brenner Neves Silva e Eronilde Firmin Omágua Kambeba, **“Vídeoetnopoemas como Narrativas de Sentirpensar e produzir Memórias: o cacicado de Eronildes Firmin Kambeba”**, apresenta a jornada heroica da indígena Kambeba Eronildes Firmin, a Erika Omágua/Kambeba, em tornar-se cacica de seu povo. A vídeoetnopoema, proposta metodológica e epistemológica do estudo, fundamenta-se na antropologia poética de Hübner Fitch e seu conceito de etnopoema, que significa, no campo do vídeo-pesquisa, uma possibilidade de aproximação entre a linguagem científica e a linguagem ancestral. A cacica Erika, protagonista do relato, narra sua história em torno de seu cacicado a partir de suas vivências e experiências de luta em torno do reconhecimento de seu povo, suas histórias e seus direitos. A narrativa foi transcrita a partir do documentário Cacica Eronilde Kambeba - Mulheres Cientistas na Pandemia no Amazonas.

A resenha **“Olhares Pluriculturais em Jogos, Brincadeiras e Experiências Matemáticas com os Guarani e Tupinikim”**, traz reflexões de Inara Borges da Silva José e Marcel Santana Ramos sobre a obra “Jogos, Brincadeiras e Experiências em Matemática com os Guarani e Tupinikim de autoria de Claudia A. C. de Araujo Lorenzoni, Ligia Arantes Sad, Ozirlei Tereza Marcolino, Circe Mary Silva da Silva, Mauro Luiz Carvalho (Karai Arã) e Valdemir de Almeida Silva (Ybiratã). Na resenha **“Avanços e Retrocessos na Educação Escolar Indígena, durante os governos PT,**



Michel Temer e Bolsonaro”, Maicon Rodrigues dos Santos apresenta uma discussão sobre o livro de Gersem Baniwa, “Educação Escolar Indígena no Século XXI: encantos e desencantos”. Larissa Dias Reis, Scheyla Taveira da Silva e Daniella Cristine da Silva Alvim, trazem a resenha “**O Ensino da História Indígena no Brasil: A Representação dos Povos Originários da Ditadura a Era Digital**”, na qual analisam por um viés comparativo, a maneira como os povos originários eram representados em livros didáticos do período da Ditadura Militar, conforme representados em livros didáticos atuais, este ensaio teórico visa ampliar os debates em defesa do ensino decolonial de História, e amplificar as vozes indígenas.

Os artigos, relato de experiência e resenhas do dossiê “**Currículo, Ciberultura e Povos Indígenas**”, que integram este número da Revista Docência e Ciberultura (REDOC), é um pouco da riqueza e complexidade dos Povos Indígenas no Brasil. Neste sentido, agradecemos aos autores e às autoras. Agradecemos à professora Edméa Oliveira dos Santos e ao editor da revista, o professor Dr. Felipe Carvalho, pela atenção e cuidado ao longo do processo. Boa leitura a todes!

Prof^a. Dra. Ádria Simone Duarte¹

Prof. Dr. Paulo de Tássio Borges da Silva²

¹ Graduada em Pedagogia, Mestre em Educação pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e Doutora em Educação pelo PROPED/UERJ. É docente da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), atuando como pesquisadora no grupo de estudos e pesquisas em “Educação Escolar Indígena e Etnografia” e no grupo de pesquisa “Kijetxawê: Currículo, Diferença e Formação de Professores - CNPq”. Coordenou o Curso de Pedagogia Intercultural Indígena ofertado nos municípios de São Paulo de Olivença/Alto Solimões (2014-2019) e Atalaia do Norte/Vale do Javari (2016-2019). Possui experiência na área de Educação, com ênfase em Formação de Professores. Atuou como Conselheira Titular do Conselho Estadual de Educação Escolar Indígena do Amazonas - CEEI/AM (Decreto 33.406, 18 de abril de 2013) 2013-2017. É membra do Fórum de Educação Escolar Indígena/FOREEIA, do GT de Currículo da Anped e da ABdC. Contato: asduarte@uea.edu.br

² Graduado em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Mestre em Educação pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), Mestre em Linguística e Línguas Indígenas pelo Museu Nacional da UFRJ, Doutor em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - ProPED/UERJ. Possui Pós-Doutorado no ProPED/UERJ com a supervisão de Elizabeth Macedo. Compõe o grupo de pesquisa “Currículo, Cultura e Diferença” da Universidade do Estado do Rio de Janeiro- UERJ e é coordenador do grupo de pesquisa “Kijetxawê: Currículo, Diferença e Formação de Professores-CNPq”. É professor adjunto no Instituto de Educação de Angra dos Reis – IEAR da Universidade Federal Fluminense – UFF e professor permanente no Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-raciais – PPGER/UFESB. Atuou como professor na Licenciatura Intercultural Indígena Tupinikim e Guarani - Prolind/UFES (2015-2022), na Licenciatura Intercultural Indígena da UNEB e atualmente é professor no curso de Magistério Indígena Guarani do Rio de Janeiro – RJ. É membro do GT de Currículo da Anped e da ABdC. Contato: paulodetassiosilva@yahoo.com.br



REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Aelsio Pereira de; SILVA, Paulo de Tássio Borges da. FAZERES CIBERCULTURAIS PATAXÓ NO/DO COLÉGIO ESTADUAL INDÍGENA KIJÊTXAWÊ ZABELÊ. **Revista Docência e Cibercultura**, v. 7, n. 3, maio-ago., 2023, p. 77-94. DOI: <https://doi.org/10.12957/redoc.2023.73233>

AZEVEDO-LOPES, Ronnielle. A EDUCAÇÃO ESCOLAR E AGENCIAMENTOS INDÍGENAS NO VALE DO TOCANTINS-ARAGUAIA. **Revista Docência e Cibercultura**, v. 7, n. 3, maio-ago., 2023, p. 184-202. DOI: <https://doi.org/10.12957/redoc.2023.77314>

BRAGA, Ana Cláudia Vieira; SANTOS, Gilberto Lacerda. A CULTURA DIGITAL E ESCOLARIZAÇÃO INDÍGENA: A EXPERIÊNCIA TUPINAMBÁ NO ACUÍPE DE BAIXO. **Revista Docência e Cibercultura**, v. 7, n. 3, maio-ago., 2023, p. 167-183. DOI: <https://doi.org/10.12957/redoc.2023.71708>

JOSÉ, Inara Borges da Silva, RAMOS, Marcel Santana Ramos. OLHARES PLURICULTURAIS EM JOGOS, BRINCADEIRAS E EXPERIÊNCIAS MATEMÁTICAS COM OS GUARANI E TUPINIKIM. **Revista Docência e Cibercultura**, v. 7, n. 3, maio-ago., 2023, p. 245-249. DOI: <https://doi.org/10.12957/redoc.2023.72912>

LIMA; Afonso Dos Santos; CRUZ JUNIOR, Gilson. ENTRE A ANCESTRALIDADE E A CIBERCULTURA: UM ESTUDO DE REVISÃO SOBRE TECNOLOGIAS DIGITAIS E POVOS INDÍGENAS. **Revista Docência e Cibercultura**, v. 7, n. 3, maio-ago., 2023, p. 55-76. DOI: <https://doi.org/10.12957/redoc.2023.70621>

MOREIRA, Judith Anteles. A CULTURA DIGITAL NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM ESCOLA PÚBLICA MUNICIPAL DE ALTAMIRA – PARÁ. **Revista Docência e Cibercultura**, v. 7, n. 3, maio-ago., 2023, p. 39-54. DOI: <https://doi.org/10.12957/redoc.2023.73422>

MOURA, Sonaira de Araújo; GUEDES, Luiz Eduardo; SILVA, Bento Duarte da.

³Possui Graduação em Filosofia na Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Especialização em Educação Ambiental na Universidade Federal do Pará, Mestrado em Filosofia na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e Doutorado em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. É professor de Filosofia no Campus Rural de Marabá-PA do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará. É membro do grupo de pesquisa "Kijetxawê: Currículo, Diferença e Formação de Professores - CNPq". É membro do GT de Currículo da Anped e da ABdC. Contato: ronnesingular@gmail.com



ANÁLISE DO WEBSITE DO POVO ASHANINKA DO RIO AMÔNIA: TECENDO SABERES NO CIBERESPAÇO PARA A INTERCULTURALIDADE. **Revista Docência e Cibercultura**, v. 7, n. 3, maio-ago., 2023, p. 22-38. DOI: <https://doi.org/10.12957/redoc.2023.72404>

REIS, Larissa Dias; SILVA, Scheyla Taveira da; ALVIM, Daniella Cristine da Silva. O ENSINO DA HISTÓRIA INDÍGENA NO BRASIL: A REPRESENTAÇÃO DOS POVOS ORIGINÁRIOS DA DITADURA A ERA DIGITAL. **Revista Docência e Cibercultura**, v. 7, n. 3, maio-ago., 2023, p. 257-270. DOI: <https://doi.org/10.12957/redoc.2023.7307>

RIBEIRO JUNIOR, Ribamar. UMA ANÁLISE DO PPC DO MAGISTÉRIO INDÍGENA PARA OS AWAETE-PARAKANÃ. **Revista Docência e Cibercultura**, v. 7, n. 3, maio-ago., 2023, p. 109-123. DOI: <https://doi.org/10.12957/redoc.2023.72357>

RIBEIRO, William de Goes. “REFLORESTANDO IMAGINÁRIOS”: EXPERIÊNCIAS EDUCACIONAIS PROMOVIDAS POR UMA CURADORIA INDÍGENA. **Revista Docência e Cibercultura**, v. 7, n. 3, maio-ago., 2023, p. 124-166. DOI: <https://doi.org/10.12957/redoc.2023.73016>

ROCHA, Kleber Bezerra. O “ENSINO ” DE LITERATURA (LEGENTE E GRUPO) CONTRA O GENOCÍDIO DO INDÍGENA BRASILEIRO. **Revista Docência e Cibercultura**, v. 7, n. 3, maio-ago., 2023, p. 203-219. DOI: <https://doi.org/10.12957/redoc.2023.74714>

SANTOS, Maicon Rodrigues dos. AVANÇOS E RETROCESSOS NA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA, DURANTE OS GOVERNOS PT, MICHEL TEMER E BOLSONARO. **Revista Docência e Cibercultura**, v. 7, n. 3, maio-ago., 2023, p. 250-256. DOI: <https://doi.org/10.12957/redoc.2023.70960>

SILVA, Jhonatan Gomes da; BARRETO, Jussara Garcez; MATOS, Silvanira Gomes de; BETTIOL, Célia Aparecida; COSTA, Mauro Gomes da. DA UNIVERSIDADE AO SOM DAS FLAUTAS TUYUKA: DIALOGANDO COM O CONHECIMENTO ANCESTRAL E A EDUCAÇÃO INDÍGENA, A PARTIR DE UMA EXPERIÊNCIA NA COMUNIDADE NOSSA SENHORA DO LIVRAMENTO, RIO NEGRO, AMAZONAS. **Revista Docência e Cibercultura**, v. 7, n. 3, maio-ago., 2023, p. 95-108. DOI: <https://doi.org/10.12957/redoc.2023.72824>

SILVA, Paulo de Tássio Borges da; DUARTE, Adria Simone; AZEVEDO-LOPES, Ronnielle. CURRÍCULO, CIBERCULTURA E POVOS INDÍGENAS. **Revista Docência e Cibercultura**, v. 7, n. 3, maio-ago., 2023, p. 11-21.

SOUSA, Wesley Coelho de; MELO, Elisângela Aparecida Pereira de. DO CAPIM DOURADO AO GEOGEBRA: A GEOMETRIA PRESENTE NOS ARTESANATOS AKWĒ-XERENTE. **Revista Docência e Cibercultura**, v. 7, n. 3, maio-ago., 2023, p. 149-166. DOI: <https://doi.org/10.12957/redoc.2023.73036>

SOUZA, Adria Simone Duarte de. MOVIMENTOS (AUTO) BIOGRÁFICOS (COM)



Revista Docência e Ciberultura

TEXTOS NARRATIVOS. **Revista Docência e Ciberultura**, v. 7, n. 3, maio-ago., 2023, p. 220-232. DOI: <https://doi.org/10.12957/redoc.2023.77652>

WANZELER, Eglê Betânia; SILVA, Brener Neves; KAMBEBA, Eronilde Firmin Omágua. VÍDEOETNOPOESIAS COMO NARRATIVAS DE SENTIRPENSAR E PRODUIR MEMÓRIAS: O CACICADO DE ERONILDES FIRMIN KAMBEBA. **Revista Docência e Ciberultura**, v. 7, n. 3, maio-ago., 2023, p. 233-244. DOI: <https://doi.org/10.12957/redoc.2023.77363>



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição Não Comercial-Compartilha Igual (CC BY-NC- 4.0), que permite uso, distribuição e reprodução para fins não comerciais, com a citação dos autores e da fonte original e sob a mesma licença.